

36° Encontro Anual da Anpocs

GT16 - Grupos dirigentes e estruturas de poder

Coordenadores: Mario Grynszpan (FGV/RJ), Ernesto Seidl (UFS)

**Senso de dignidade social e outras
especificidades de um *habitus* dominante**

Carolina Pulici

Professora Adjunta do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São
Paulo (UNIFESP), campus Guarulhos.

Agosto de 2012

A tese de que o “sentimento de dignidade” - que Weber chamou de “reflexo subjetivo da honra social”¹ – manifesta-se especialmente entre grupos privilegiados foi sugerida por vários autores atentos ao estilo de vida das elites², o que indica que a “certeza de si” está intimamente associada à posição ocupada no espaço social. Com base numa pesquisa voltada à análise dos processos de distinção social pelo gosto³, esta comunicação discutirá algumas especificidades do *habitus* associado à ocupação de uma posição elevada na hierarquia social brasileira, tais como o amor-próprio com a memória dos antepassados, o comprometimento com a causa da “Cultura” e com as ações sociais, o senso de dignidade social e a disponibilidade de um capital de relações. Ela postula, portanto, que além dos privilégios político-econômicos a que estão predispostas as elites, existem vantagens simbólicas que também exercem efeitos sobre a distribuição dos benefícios sociais⁴.

Em concordância com uma orientação teórico-metodológica atenta à multidimensionalidade das formas de riqueza apreendidas sincrônica e diacronicamente e em vista de uma especificidade brasileira - que consiste na maior instabilidade da estratificação social quando comparada a uma realidade como a francesa, por exemplo-, nossa “coleção de casos” reuniu indivíduos marcados por disparidades associadas à estrutura e à evolução no tempo do volume total de capital em suas diferentes espécies.

¹ WEBER, Max. “A distribuição do poder dentro da comunidade. Classes, estamentos, partidos”. In *Economia e sociedade: fundamentos de sociologia compreensiva* (vol. 2). Brasília, Editora UNB, 2000 [1922], p. 182.

² SHILS, Edward. « Class ». In *Center and periphery in microsociology*. Chicago, The University of Chicago Press, 1975; BOURDIEU, Pierre. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris, Minuit, 1979; GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe : trajectoire sociale et conflits d'identité*. Paris, Hommes & groupes éditeurs, 1987; LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue. Approche ethnographique de la culture bourgeoise*. Éditions de la MSH, Paris, 1988 ; MENSION-RIGAU, Éric. *Aristocrates et grands bourgeois : éducation, traditions, valeurs*. Paris, Perrin, 1997; PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du gotha : comment la bourgeoisie défend ses espaces*. Paris, Seuil, 2007.

³ PULICI, Carolina Martins. *O charme (in)discreto do gosto burguês paulista: estudo sociológico da distinção social em São Paulo*. São Paulo: Tese de doutorado em sociologia, FFLCH-USP, 2010, 326p.

⁴ Estudos sobre setores da elite brasileira contemporânea tendem a abordagens em termos das variáveis socioeconômicas que influenciam a mobilidade social, ocupacional e/ou financeira (FERREIRA, Marcelo Costa. “Permeável, *ma non troppo?* A mobilidade social em setores de elite, Brasil – 1996”. *RBCS*, vol. 16, n° 47, 2001; MEDEIROS, Marcelo. *O que faz os ricos ricos: o outro lado da desigualdade brasileira*. São Paulo, Hucitec, Anpocs, 2005), enquanto outros acentuam aspectos ligados ao consumo (LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. “Ethos emergente: notas etnográficas sobre o sucesso”. *RBCS*, vol. 22, n° 65, 2007). Nosso trabalho buscou apreender as representações que paulistanos abastados constroem de si mesmos e dos outros através de suas preferências estéticas declaradas, as quais também contribuem para formar a “realidade” dessas elites. Nesse domínio de estudo e, no caso específico de São Paulo, os trabalhos existentes focaram a realidade social passada (Cf. DURAND, José Carlos. *Arte, privilégio e distinção. Artes plásticas, arquitetura e classe dirigente no Brasil, 1855/1985*. São Paulo, Perspectiva/Edusp, 1989; CAMARGOS, Márcia. *Villa Kyriall: crônica da belle époque paulistana*. São Paulo, Senac, 2001; TRIGO, Maria Helena B. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. São Paulo, Annablume, 2001).

Se uns pertencem às classes altas exclusivamente em função de seu capital econômico, sua posição social reduzindo-se à sua posição no sistema produtivo, outros entrevistados, especialmente os advindos de famílias antigas, dispõem de formas suplementares de capital como cultura (ainda que seja algo da ordem do “mundano-cultivado” e raramente um conhecimento científico e/ou de vanguarda), prestígio e relações⁵.

Metodologia da pesquisa

Este *paper* apresenta resultados parciais de uma investigação que mobilizou material de imprensa e manuais de etiqueta, realizou entrevistas, empreendeu análise secundária de estatísticas culturais e tomou a própria sociologia do gosto como objeto de estudo. De um lado, atentamos aos princípios classificatórios que emergem dos manuais de “saber-viver” recentemente publicados no Brasil e das críticas culturais veiculadas pela imprensa paulista entre 2005 e 2009. De outro, realizamos (entre 2008 e 2009) trinta entrevistas semi-diretivas com representantes de diferentes círculos da elite paulistana (banqueiros, filantropos, colecionadores de arte, empresários, senhoras da sociedade/psicanalistas, embaixadores, altos executivos, construtores, etc.). Como não é possível discutir, no espaço desta comunicação, as condições em que se desenvolveu o trabalho de campo com indivíduos abastados que impõem muitas resistências ao contato e tendem a dominar a situação da entrevista, explicitaremos de forma sucinta quais foram os princípios praticamente levados em conta na seleção dos informantes. Visto que não dispomos de um “Bottin Mondain” ou de um “Who’s Who”, nem de pesquisas amostrais que captem os muito ricos, identificamos os agentes socialmente designados como “ricos” por meio de critérios “reputacionais” advindos do material de imprensa e de nosso círculo de relações profissionais. Devido à impossibilidade prática de introduzir na análise dados de estrutura – como rendimentos de operações financeiras e valores de patrimônio –, também nos servimos de critérios institucionais recorrendo aos ocupantes de posições de poder reconhecidas, tendo nos valido ainda e, sobretudo, de parâmetros concernentes à apropriação privilegiada do espaço urbano⁶. A dificuldade de acesso aos altos estratos e, também, sua precária delimitação empírica impuseram uma flexibilidade de seleção dos entrevistados incompatível com as exigências de constituição de uma amostra. Nesse sentido, a análise que segue é antes de tudo exploratória⁷.

⁵ Dada a própria questão priorizada nesta comunicação, focalizaremos os informantes com esse perfil.

⁶ Microcosmo do processo mais amplo de agregação (de semelhantes) e segregação (de estranhos) a que o espaço urbano se presta, o local de residência evidencia um social objetivado que não pode ser facilmente mascarado, como ocorre com frequência numa situação de entrevista. Se não há uma homologia inequívoca entre o espaço social e o espaço geográfico de São Paulo, estudos atentos às características da urbanização paulistana mostraram como a metrópole paulista sofreu experiências de segregação mais drásticas do que outras capitais do país, e como tal *zoneamento social da cidade* foi intensificado pela criação dos bairros-jardins, onde efetuamos a maior parte da nossa pesquisa de campo (MARINS, Paulo César. Garcez. “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras”, in *História da vida privada no Brasil* (vol. 3). São Paulo, Companhia das Letras, 2002). Estudiosa da arquitetura do primeiro bairro-jardim de São Paulo – o Jardim América –, Silvia Wolff afirma que a *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company* teve papel decisivo na consagração de um eixo de concentração dos bairros residenciais de elite e na “setorização do zoneamento da cidade segundo suas classes sociais” (WOLFF, Silvia Ferreira Santos. *Jardim América: o primeiro bairro-jardim de São Paulo e sua arquitetura*, São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001, p. 261).

⁷ Discutindo a questão da amostragem na pesquisa qualitativa, Jean-Pierre Deslauriers e Michèle Kérisit mostraram como o emprego ou não do termo é revelador de dois tipos de estrutura de pesquisa empírica: se a *estrutura fechada ou convencional*, que adota a noção de “amostra”, constitui sua pesquisa a partir da seleção de uma população bem delimitada empiricamente (tanto no espaço quanto no tempo), a *estrutura aberta ou paradoxal* não emprega o termo “amostra”, já que este implicaria todo um procedimento operacional (princípio de saturação, de diversificação, de caso negativo, de indução analítica) inexistente neste caso (DESLAURIERS, Jean-Pierre & KÉRISIT, Michèle, « Le devis de recherche qualitative », in POUPART, DESLAURIERS, GROULX, LAPERRIÈRE, MAYER, PIRES (eds.), *La recherche qualitative: enjeux épistémologiques et méthodologiques*, Québec, Gaëtan Morin Éditeur, 1997, p. 118).

O amor-próprio com a memória dos antepassados

Se as pesquisas amostrais constroem classes econômicas a partir de critérios como a posse de itens de conforto doméstico ou os níveis de renda e, no que tange à trajetória social dos recenseados, não vão além de uma referência sumária ao nível de escolaridade do chefe do domicílio, nossas entrevistas buscaram recolher informações concernentes à profissão, à qualidade da escolaridade e à situação material dos avós, dos pais, do cônjuge e dos sogros de cada informante. Ao longo das questões que visavam investigar os deslocamentos (horizontes e/ou verticais) na hierarquia das relações sociais, identificamos a localização social das manifestações de “estima de si” e as posições em que emergem, ao contrário, sentimentos de “indignidade sociocultural”. Assim, se alguns entrevistados oriundos das classes médias e baixas vivenciaram experiências de “vergonha social” quando em contato com setores de elite na época de sua infância e/ou adolescência, os representantes de famílias bem estabelecidas há mais tempo foram, por outro lado, mais propensos aos relatos elogiosos e precisos de suas raízes⁸.

Tal sentimento de amor-próprio com a memória dos antepassados manifestou-se em todas as ocasiões em que a história da família se confunde com a história da cidade e, mesmo, do país. Ao contrário dos descendentes dos que viveram “vies minuscules”⁹, dos imemorados que desapareceram sem deixar traços, os oriundos de famílias ilustres fazem uso da “glória de empréstimo” por toda a vida, de modo que a memória das pessoas afortunadas é preservada malgrado a sua ausência física. Sobre o bisavô, conde e proprietário de fazendas que hoje são suas – e que já foram celebradas em livros de arquitetura e cujos móveis têm gravados as iniciais do nome da linhagem -, um banqueiro e filantropo notou que “era um homem de grande fortuna e de grandes haveres, um homem extraordinário para o seu tempo, fez estrada de ferro, a estrada de S para R e A para J”. Como observou Béatrix Le Wita, os indivíduos pertencentes às classes superiores há mais tempo tendem a memorizar melhor o passado profissional de seus ancestrais, de modo que o enraizamento num estatuto social privilegiado parece ser um fator determinante na memorização de dados genealógicos¹⁰.

⁸ Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot notaram que os chamados “bem-nascidos” são, frequentemente, apaixonados por suas origens e, assim, por suas memórias. Cf. PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. « Le bien-être de Jacques Henri Lartigue vu à travers ses 130 albums de photographies ». *Informations sociales*, n° 114, 2004.

⁹ MICHON, Pierre. *Vies minuscules*. Paris, Gallimard, 1984.

¹⁰ LE WITA, Béatrix. *Ni vue, ni connue*, op. cit., p. 41.

Considerando-se a distribuição dos ganhos em matéria de honra social, nota-se que nenhum grupo social das sociedades modernas possui o registro literário de sua existência com a mesma intensidade com que isso ocorre com as classes altas. Tal literatura, rara em outros meios sociais, perpetua tais famílias para além da finitude biológica de seus agentes individuais e parece atender aos imperativos de reconhecimento mútuo e de conservação de redes de pessoas pertencentes “ao mesmo mundo” ¹¹. No universo estudado, a família de uma psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um grande industrial foi tema de livro; o pai de uma restauradora de obras de arte fez a árvore genealógica da família e escreveu suas “memórias” para narrar a história da fazenda; um *rentier* e filantropo foi personagem de um livro sobre as elites brasileiras e organizou uma exposição sobre os casarões de seus avós numa região importante da cidade; um banqueiro e filantropo preserva e perpetua a memória da fazenda de seus antepassados barões de café (uma propriedade rural que figura num livro de arquitetura e decoração destinado a apresentar as “casas que valem a pena ser mostradas”, a “arquitetura que merece ser publicada” e “as pessoas que têm algo a dizer” ¹²); um dos empresários mais conhecidos do país restaura (e registra em livros) as casas coloniais localizadas no interior paulista e pertencentes à família de seu bisavô, o conde L.

A honorabilidade ligada à antiguidade de pertencimento às classes superiores manifestou-se no relato de um *chef* atuante no circuito da alta gastronomia, que também mencionou o registro literário da história de suas famílias paterna e materna. Ele contou que quando a casa do avô paterno, localizada no exclusivo Jardim América, foi vendida, ele ofereceu ao novo proprietário o livro de história da arquitetura que estudou esta residência do arquiteto Victor Dubugras. Um tio seu também foi o proprietário de uma das casas que, construída nos então novos bairros-jardim, entrou para a história da arquitetura da cidade de São Paulo. Ao longo da entrevista, recomendou-nos outro livro escrito por um de seus primos, um arquiteto conhecido que, ao falar de seus projetos arquitetônicos, narrou parte da história de sua família materna de extração quatrocentona. Sobre esse lado da família, nosso entrevistado referiu-se ao bisavô como “um engenheiro que se deu super bem, foi um grande cara [...] que ficou muito famoso e tal [...] já era rico, o pai dele era rico. *Ele nunca foi novo-rico*, porque ele já era de uma família antiga

¹¹ Para um exemplo de como tal literatura assume feições assumidamente hagiográficas ver GRIEG, Maria Dilecta. *Elite: ontem, hoje e sempre*. São Paulo, Olho d'água, 2006.

¹² Não fornecemos a referência bibliográfica a fim de garantir o anonimato dos informantes. Este princípio valerá para todas as demais ocasiões em que nos referirmos a livros sobre a vida de nossos entrevistados.

[...] Ele tinha uma mesa no *Automóvel Clube* que todo dia comiam trinta pessoas, mesmo que ele não estivesse lá, a conta era dele”. Seu avô materno “era um cara que também se destacou [...] comprou uma fábrica com dezoito anos [...] depois deixou, para a minha mãe e para os irmãos dela [que] venderam e ficaram com um dinheirão”. Não surpreende, assim, que em sua temporada na Europa nosso informante fosse apresentado, segundo um livro sobre si e seu trabalho, como um rapaz “bem-apeesoado [...] de uma família tradicional [...] fazendeiros [...] E muito bem-educado também”¹³.

O amor-próprio com a memória dos antepassados emergiu, na entrevista com um *rentier* e filantropo, quando abordamos a sua formação cultural. Do lado materno e paterno, ele pertence a famílias de destaque na colônia sírio-libanesa paulistana: se as avós integraram o grupo de dez senhoras que fundaram o *Hospital Sírio-Libanês* – que, junto do *Hospital Albert Einstein*, ocupa o primeiro lugar na lista dos hospitais mais prestigiados e mais caros de São Paulo –, os avós participaram intensamente do desenvolvimento econômico de São Paulo, primeiro com o comércio de cafés e de gados, depois com a industrialização. Após o almoço que o entrevistado e sua esposa nos ofereceram, ele nos mostrou as fotos de todos os cômodos do antigo palacete de sua família na Avenida Paulista da época das mansões dos “novos-ricos” de então. Essas fotos que hoje formam o conjunto dos quadros que acompanha toda a extensão de um corredor da casa seriam emprestadas para a exposição que ocorreria no mesmo ano num espaço cultural da cidade, inscrevendo a história da família na história de São Paulo¹⁴.

A confecção da memória de uma família pode se dar de diferentes formas, como através da decoração. Uma informante de origem quatrocentona e atuante como decoradora e filantropa orienta seus clientes a narrar a história familiar ornando os lavabos da residência com as fotos antigas que retratam os casamentos de parentes. Personagens da história local e/ou nacional, seus ancestrais estão fadados a serem lembrados de maneira positiva. Sobre a avó materna, afirmou: “Ela foi uma grande

¹³ Neste mesmo livro em sua homenagem nosso entrevistado recebeu o seguinte elogio de uma colega de ofício: “nada no mundo é capaz de fazer do [...] um novo-rico. Mas que alívio! Nada o torna *nouveau*”.

¹⁴ Se pertencer a uma família prestigiada prestigia, o inverso é igualmente verdadeiro: advir de um núcleo estigmatizado estigmatiza. Ao discutirem a situação das crianças e adolescentes da minoria de famílias de “outsiders” de uma comunidade operária inglesa, Norbert Elias e John Scotson sublinharam como as atitudes discriminatórias são transmitidas de uma geração a outra, afetando tanto a imagem que a pessoa tem de si mesma quanto a que os outros fazem dela: “não havia como extrair muito orgulho e um grande sentimento de orientação do fato de se saberem idênticos e identificados com famílias pouco respeitadas pelos outros”. ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2000 [1990], p. 143.

professora lá em Santos, até tem uma escola com o nome dela”. Outra informante que recordou com orgulho de seus antepassados foi uma neta, filha e esposa de embaixadores, políticos e poetas do Brasil: “O meu bisavô foi acadêmico na sua época. Eu nem conheci ele, mas ele foi acadêmico, enfim, uma das cadeiras. Ele tem aquela poesia [...], que a gente estudava no colégio”. Espécie de usufruto antecipado, esse privilégio de origem acompanha a existência dessas pessoas, que desde o nascimento herdam um capital simbólico não negligenciável: “Minha mãe é R. T. [nome de família tradicional]. Então tem uma tradição intelectual” (Banqueiro). Diferentemente dos que sofrem os efeitos desestimulantes das trajetórias sociais declinantes na família¹⁵, nossos informantes podem mirar-se nos antepassados que “se deram bem na vida”: “Minha mãe, por exemplo, veio de uma família ótima, de nome e tudo mais [...] Os meus avós paternos eram pessoas da alta camada, de nível social e financeiro [...] Os irmãos de minha mãe eram também de muito bom gabarito, inclusive dois tios meus se sobressaíram bastante” (Neta, filha e viúva de advogados e políticos de antigas famílias paulistas). Ela ressalta ainda o cosmopolitismo de seus ancestrais: “Era [o avô] um homem muito culto, professor de direito. Foi um homem famoso na época [...]. Ele colecionava obras de arte [...] morou na Europa uma época, e o papai ficou junto com ele”.

Mesmo tendo seguido um roteiro de questões que não abordava diretamente o prestígio de que a família era detentora, foram correntes as referências aos tributos de homenagem e reconhecimento, aos escritos, em suma, tudo o que eterniza a pessoa representada, inclusive trabalhos históricos que a introduzem na história legítima, fazendo com que mereça ser conhecida: “o meu avô foi... Tem o nome de dois grupos escolares em São Paulo, *S. B. A.*”; “o meu tio [...] foi governador de Pernambuco em 19--, foi deputado federal várias vezes [...] foi membro da *Academia Brasileira de Letras* [...] foi presidente do *Instituto do Alcool e do Açúcar* [...] era um grande jornalista e um grande historiador, um grande intelectual [...] é uma das grandes figuras nacionais o *S. L. B.*” (economista e ministro várias vezes). O orgulho da família também integra o relato de um jornalista ocupante de altos cargos em instituições culturais públicas e privadas: “O meu pai era um homem culto. Ele era um politécnico com laivos positivistas, o padrão da vida dele era o Euclides da Cunha [...]. Mas ele era um homem que quando falava de Virgílio, ele sabia do que estava falando. Então ele tinha uma cultura científico-

¹⁵ « [...] on sait que le niveau d’aspiration scolaire et professionnel des enfants est déterminé par le niveau auquel les parents sont arrivés ». GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 56.

literária e basicamente filosófica muito grande”. Imbuída dos deveres de representação exigidos pela manutenção da notabilidade de um nome, uma restauradora de obras de arte referiu-se ao avô engenheiro agrônomo como “um cara do café, um cara super importante, [que] chegou a trabalhar para o governo, ser Ministro da Agricultura”, tendo sublinhado que “se você for andar na minha casa, você vai ver que tem assim móveis que eram de bisavô, tataravô, louça” e que “*é bacana você ter História*”. Evocando a notoriedade de que dispunha sua família já na Europa, um executivo de uma das maiores construtoras do país lembra que “quem descobriu os Açores foi um [nome de sua família tradicional]. Você vai, tem uma capela nos Açores de 1453. Você vê que quando Portugal estava descobrindo as Índias tem um [...], um general [...] lá que lutou”¹⁶.

Se o enraizamento num estatuto social privilegiado é, para Le Wita, determinante na memorização de dados genealógicos, compreende-se por que é sempre dos ancestrais mais destituídos que se tem menos notícia. Mesmo não tendo conhecido nenhum de seus avôs, um pianista/compositor soube reconstituir o percurso do pai de seu pai que foi juiz e desembargador. O mesmo não pode ser dito sobre o familiar que ocupava posição genealógica equivalente (o pai de sua mãe) que, contudo, era de condição social inferior: “Não tenho a menor idéia do que eram [...] imigrantes portugueses tentando se virar aqui”. Quando perguntamos se a família do pai havia marcado mais ele respondeu: “É, apesar de ter morrido mais cedo”, evidenciando que a memória de pessoas afortunadas é preservada a despeito de sua ausência física. Tal evocação da parentela sugere ainda que a uma mesma distância genealógica é-se mais ou menos parente de um membro da família e que, como quer Bourdieu, a parte dos “parentes úteis” entre os “parentes teóricos” da genealogia cresce à medida que se eleva nas hierarquias reconhecidas por um grupo. Se os “maiores” têm também as maiores famílias, ao passo que os “parentes pobres” são também os mais pobres em parentes, então é porque, nesse domínio como alhures, “o capital vai ao capital”, fazendo com que a memória dos parentes seja função dos lucros simbólicos ou materiais que se pode obter tomando-os por parentes¹⁷.

¹⁶ A obsessão pela antiguidade típica do habitus associado à ocupação de uma posição dominante emergiu num leilão de arte e antiguidades ocorrido nos Jardins, tendo sido princípio recorrentemente acionado pelo leiloeiro para agregar prestígio às obras à venda: “Os brinquedos alcançam preços altos na Europa e nos Estados Unidos, quanto mais antigos, mais caros”. Ao apresentar um lustre antigo, referiu-se aos que são vendidos na Rua da Consolação “que não duram nem um ano” [observação feita em novembro de 2008].

¹⁷ BOURDIEU, Pierre. *Le bal des célibataires: crise de la société paysanne en Béarn*. Paris, Seuil, 2002, pp. 175-176. Gaulejac também notou que “ce sont toujours les figures les plus prestigieuses, les personnages les plus ‘considérables’ qui seront pris comme parents de substitution ou comme références idéales”. GAULEJAC, Vicent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 175.

Comprometimento cultural e envolvimento em causas sociais

Mas esse patrimônio “reputacional” não é a única forma de perpetuar tais núcleos para além da finitude biológica de seus membros, nem de constituir como excelentes as qualidades dos que são socialmente dominantes. Devido à presença cativa em instituições caritativas e de conservação e exposição das artes, os senhores e senhoras interrogados experimentam o mundo de um modo muito particular, na medida em que estão predispostos a construir relacionamentos humanos que confirmam, a cada instante, a sua respeitabilidade social: a esposa de um banqueiro que financia a reforma da igreja de uma cidade do interior (em cuja zona rural possui fazendas) goza de imenso prestígio junto aos notáveis locais, assim como o empresário que destina parte de seus rendimentos a ações sociais será sempre “o presidente de honra” da instituição da qual é mantenedor.

Os cargos em instituições culturais de fato emergiram, em nossa pesquisa, como insígnias dos grupos dominantes. Tal envolvimento é significativo, sobretudo por não termos indagado se nossos informantes pertenciam ou tinham algum papel no fomento às organizações socioculturais. Evocar a atuação no gerenciamento das artes em resposta às nossas perguntas sobre pintura, cinema e arquitetura era uma maneira de dizer que é louvável acumular capital cultural e investir na familiaridade com a cultura tida por “legítima”: “Eu sempre tenho convite [para o teatro] porque a gente patrocina muita gente” (Chef e proprietário de restaurantes no ramo da alta gastronomia); “Já patrocinamos *Mozarteum*, eu já fui diretor do *MAM*, fui eu que recriei o *MAM*” (Executivo de conhecida construtora e filantropo); “Eu sou do *Mozarteum*, sou até diretor do *Mozarteum*, conselheiro do *Mozarteum* [...] Até hoje eu vou jantar na casa da Sabine Lovatelli, que é diretora do *Mozarteum*, que é a fundadora do *Mozarteum*” (Banqueiro)¹⁸. Este informante é sócio do *Metropolitan* e do *MOMA*, em Nova Iorque. Um colecionador de arte e médico proprietário de clínica (e filho de um médico proprietário de um hospital) faz parte do comitê de uma Bienal internacional, coleciona arte contemporânea, já teve sua coleção exposta em livros de história da arte e participa de uma oficina

¹⁸ Uma assinatura para ter acesso às atrações da Temporada *Mozarteum* custa R\$1.500,00 no setor A, R\$1.340,00 no B, R\$980,00 no C e R\$500,00 no setor D. Cf. <http://www.mozarteum.org.br/site/>. Índice revelador do pertencimento a um meio culto, a fruição de música clássica é, na cidade de São Paulo, fortemente associada às classes sociais mais altas, e de forma mais intensa do que as demais práticas da chamada cultura erudita: 14,2 % das classes A/B elegem-na como gênero musical preferido, ao passo que na classe C este percentual cai para 4,5% e, finalmente, nas classes D/E, para 2,8%. Cf. BOTELHO, Isaura & FIORI, Maurício. *O uso do tempo livre e as práticas culturais na região metropolitana de São Paulo*. CEM/CEBRAP, 2005, pp. 64-65.

cultural num importante museu brasileiro¹⁹. Vários familiares de uma psicanalista e colecionadora de arte (ex-mulher de um grande industrial e colecionador) são artistas, a começar pelo seu ex-genro e de uma de suas filhas: “Super artista, chegou anteontem de Nova Iorque, não é, vai ter uma exposição agora mês que... junho, no *Guggenheim* de Bilbao, o andar inteiro”. Artista é também a primeira filha: “A primeira exposição dela, convidada pelo professor Bardi, foi com fotogramas”. Ela e seu ex-marido venderam parte do acervo para um museu internacional, doaram obras para um museu brasileiro e sua coleção percorre museus do mundo todo: “Aqui tem uma Mira Schendel que está agora no MoMa de Nova Iorque [...] eu dei emprestado. As Tarsilas eu emprestei também”. Ela que já teve a coleção retratada em livros de arte (inclusive estrangeiros) fala com gosto de suas aquisições artísticas e atividades de mecenato²⁰.

Proprietária de uma casa (assinada por um artista renomado) numa cidade de veraneio cara às elites paulistas, uma psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um grande empresário integra a presidência de uma destacada instituição cultural paulistana; o conselho do mesmo estabelecimento conta com a participação de uma embaixatriz cujo marido pertence ao conselho de uma reconhecida orquestra nacional. Muitas das atividades culturais desta informante estão ligadas às suas relações familiares: lê um caderno específico do jornal porque a filha escreve, vai a concertos porque o marido é do conselho da orquestra, está por dentro do que ocorre nos leilões de arte porque o irmão é colecionador em Nova Iorque, etc. Um dos publicitários mais prestigiados de São Paulo, pai de uma artista plástica que entrevistamos, foi tema de exposição num dos maiores museus da cidade, teve sua casa de veraneio celebrada em revistas e é vice-presidente de um museu brasileiro; uma historiadora da arquitetura e mulher de um eminente arquiteto dirigiu um dos museus da capital paulista; uma decoradora e filantropa preside uma creche e participou de iniciativas voluntárias de arte-educação de um museu da cidade. Homem de muitos projetos em diversas áreas de atividade, um empresário de grande

¹⁹ Apesar de termos sido convidados para um almoço que este informante ofereceu aos artistas da Bienal de São Paulo, recusamos o convite, pois, mesmo cientes dos ganhos inestimáveis da observação participante, temíamos que relações de sociabilidade pudessem comprometer a autonomia do nosso trabalho.

²⁰ Esta informante traçou uma evidente hierarquia de consumo orientadora de seu estilo de vida: renegando alguns dos mais correntes símbolos exteriores da estima social - como as roupas de grife e as refeições nos restaurantes da elite paulistana (*La Tambouille*, Antiquarius, Fasano, Gero, Arábia, Figueira Rubaiyat) -, ela se apresenta como alguém que investiu primordialmente em obras de arte, e obras de muito valor no mercado atual (Chagall, Guignard, Tarsila do Amaral, Di Cavalcanti, Flávio Cavalcanti, Regina Gomide Graz, Mira Schendel, Krajcberg, Tomie Ohtake e muitos outros). Sobre os cômodos de seu apartamento de quinhentos e oitenta metros quadrados, afirmou que “em cada quarto tem biblioteca”.

construtora insiste que sua maior satisfação advém de sua atuação no ramo da assistência social: “O meu maior prazer é ver um jovem se desenvolvendo”. Sua mulher integra o conselho de uma associação caritativa internacional e o Instituto criado por ele - e que leva o seu nome - empreende também projetos de preservação ambiental, histórica e cultural.

Voluntariado: ostentação de boa-vontade e apelo ao reconhecimento

“A psicóloga Maria de Lourdes Egydio Villela viveu anos no anonimato. Era uma mulher, como tantas outras, que dedicava seu tempo ao marido, aos dois filhos e à rotina da casa. Mal sabia, garante, que ocupava um lugar super privilegiado na escala social como herdeira do conglomerado financeiro e empresarial Itaú. Foi a morte de seu irmão, em 1982, que a obrigou a se situar no mundo dos valores materiais. Dez anos mais tarde, novo abalo: seu casamento de 20 anos terminou. A partir daí, tudo foi rápido e diferente. Em pouco tempo, Maria de Lourdes virava Milú Villela, ganhando fama como presidente do Museu de Arte Moderna de São Paulo, o prestigiado MAM. Depois assumiu o Centro do Voluntariado de São Paulo e agora está à frente também do comitê que organiza no Brasil as atividades do Ano Internacional do Voluntariado. Mais: acaba de ocupar a presidência do Instituto Cultural Itaú. ‘Depois que me separei, descobri a minha vocação de lutar por um mundo melhor’”.

(Revista Marie Claire, disponível em: http://marieclaire.globo.com/edic/ed123/rep_milua.htm)

Fazendeira, psicóloga e herdeira de um grande exportador de café e produtor de gado, uma entrevistada avalia que espaços grandes, jardim e luminosidade são as características estimáveis de sua casa no Jardim Europa, projetada pelo escritório do célebre arquiteto Vilanova Artigas. Ela que foi diretora de um memorável espaço cultural da cidade mantém doze famílias trabalhando em uma de suas fazendas que sempre foi deficitária: “Mas de um jeito ou de outro eu mantenho uma atividade, mantenho gente”. Esta informante adquire todos os anos ao menos duas assinaturas para temporadas de concertos e, apesar de passar vários meses do ano fora do país, afirma que nada é perdido porque sempre oferece aos amigos o par de ingressos das apresentações que deixa de ver, evidenciando como o comprometimento cultural favorece a acumulação de capital social.

Se essa movimentação confortável pelo mundo das artes não necessariamente indica um padrão de gosto vanguardista²¹, ela no mínimo sugere que tal população é de algum modo recompensada pelo seu engajamento na promoção cultural. Tendo estudado o gosto da elite gerencial britânica contemporânea, Alan Warde e Tony Bennett notaram que o comprometimento com a causa da “Cultura” favorece o reconhecimento mútuo e

²¹ PULICI, Carolina. “O gosto dominante como gosto tradicional: preferências e aversões estéticas das classes altas de São Paulo”. *Novos Estudos Cebrap*, n° 91, 2011, pp. 123-139.

facilita as relações sociais no interior desse estrato: “Meeting the right people beyond the orbit of economic organizations does indeed lubricate the social life of the elite”²². Nesse sentido, a participação e/ou patrocínio de práticas culturais “legítimas” serviriam à aquisição e ostentação de capital social e, portanto, à reprodução das classes superiores. A visão de que uma situação social privilegiada predispõe ao contato com a “alta cultura” também depreende da obra de Michel Pinçon e Monique Pinçon-Charlot, que sublinharam como o patrocínio das artes enseja uma sociabilidade mundana que é « une forme euphémisée et déniée de la mobilisation de la classe »²³. Assim, podemos dizer que se o senso estético é uma dimensão de um habitus de classe, ou seja, de uma relação global com o mundo e com os outros, o contrário também é válido: algumas formas de coesão social derivam da adesão a certas modalidades de comprometimento cultural.

No âmbito da população estudada, as atividades de mecenato e filantropia de fato parecem apontar para aquilo que Béatrix Le Wita chamou de “endogamia desejada”: ao longo da realização da pesquisa de campo, nos ocorreu abrir a coluna social da *Folha de São Paulo* e do *Estado de São Paulo* e encontrar nossos informantes reunidos em meio às cerimônias sociais previstas pelo calendário mundano: uma psicanalista e mulher de um grande industrial brasileiro, uma embaixatriz e crítica de decoração e a família de um banqueiro e filantropo, por exemplo, estiveram presentes num jantar de arrecadação de fundos para uma instituição artística de São Paulo. Mesmo tendo nos valido, no momento de obtenção de informantes, de intermediários diferentes de um modo geral, percebemos de saída que vários dos nossos entrevistados se frequentavam: um banqueiro é primo-irmão de uma decoradora e filantropa que, por sua vez, é amiga de uma embaixatriz, tendo sido ambas madrinhas de casamento de uma psicanalista que, por seu turno, teve como convidados os pais de uma artista plástica; um economista e ex-ministro é amigo de um banqueiro e filantropo (que, por sua vez, é primo de um empresário de imensa construtora e bisneto do mesmo conde), e ambos são amigos de um jornalista ocupante de altos cargos em instituições culturais que, por sua vez, é padrinho de um músico e

²² WARDE, Alan & BENNETT, Tony. “A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite”. In SAVAGE, Mike & WILLIAMS, Karel. *Remembering Elites*. Oxford, Blackwell Publishing, 2008, p. 254.

²³ PINÇON, Michel & PINÇON-CHARLOT, Monique. *Les ghettos du Gotha*, op. cit., p. 56.

herdeiro de uma família de banqueiros e políticos que, por seu turno, é ligado por relações de casamento à família de um banqueiro e filantropo²⁴.

A capacidade de converter suas ações de mecenato e benemerência social em meio de acumulação de capital social dá-se a ver ainda no fato de que vários informantes vão como convidados aos concertos e exposições, e estão acostumados a ganhar - e não apenas a comprar - obras de arte e CDs recém-lançados. Alguns têm (ou tiveram) colunas nos jornais de maior circulação e detêm, assim, alguma autoridade na formação de opiniões em matéria de economia, política, arte ou decoração. Como consumidores culturais, eles citam revistas estrangeiras como leituras correntes e, para os pertencentes às frações mais antigas das elites, o cultivo de si é tido como elementar: “o Sérgio [Buarque], o Caio Prado Júnior [...] Gilberto Freyre, enfim, esse povo todo a gente... E um que eu descobri agora há mais pouco tempo, que eu estou achando muito, muito profundo é o José Murilo de Carvalho”(Banqueiro e filantropo)²⁵.

“Tchekhov fazia sempre isso e se deu muito bem, né?”

Integrante do pólo “mundano-cultivado” da população estudada, uma psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um conhecido empresário disse ir muito a galerias de arte no exterior: “Estou sempre muito por dentro, é só você assinar o canal contemporâneo, por e-mail, que você recebe todas as exposições, já vê todos os quadros”. Sobre espetáculos musicais, afirmou adquirir todo ano assinaturas para temporada de concertos, Mozarteum e Cultura Artística: “Eu gosto muito de ópera, nós vamos sempre que a gente viaja [...] eu vou ver Lohengrin agora que eu vou para Paris, já estou com os bilhetes na mão, sempre que eu viajo vou com os bilhetes [...] Ah, eu gosto de balés, não perco balés, eu fui ver agora em Nova Iorque toda a temporada possível, tudo da temporada que foi possível do *New York City Ballet*”. Na época da entrevista o último show visto foi o de Chico Buarque. Em matéria de teatro, acompanha o trabalho de Jorge Takla (“gosto das coisas que ele faz, é meu amigo e tudo”), tendo chegado a ter uma cadeira cativa oferecida por Ruth Escobar. Não julga fundamental que um ator seja conhecido do grande público; porém, frente à questão “Você acha que o enredo de uma peça deve mostrar personagens que agem como agimos na vida de todo dia?” respondeu afirmativamente, mas não sem evocar uma referência erudita: “Tchekhov fazia sempre isso e se deu muito bem, né?”²⁶.

²⁴ A identificação dessas redes de interconhecimento pode ter sido favorecida pelo fato de termos chegado a três entrevistados por indicação de dois de nossos informantes.

²⁵ O suposto de que uma posição social privilegiada favorece o contato com a cultura erudita figura nas pesquisas amostrais dedicadas aos padrões de consumo: segundo o IPEA, “as classes A/B se distinguem da C por priorizarem o consumo de espetáculo vivo e as artes” (SILVA, Frederico B. & ARAÚJO, Herton E. & SOUZA, André L. “O consumo cultural das famílias brasileiras”. In SILVEIRA, Fernando G. & SERVO, Luciana M. & MENEZES, Tatiane & PIOLA, Sérgio F. *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas*. Vol. 2. Brasília, IPEA, 2007, p. 126).

²⁶ A maioria dos entrevistados se engaja mais em práticas culturais quando está fora do Brasil, o medo da violência urbana tornou as elites ainda mais cosmopolitas: « Eu gosto [de cinema], mas vou muito pouco. Hoje eu faço muito pouco essas coisas aqui, por uma razão muito de brutalidade da cidade [...] Então, como é que você faz? É muito desagradável. Teatro? Vivendo em São Paulo? Teatro, teatro, teatro, só vou ao teatro na Inglaterra praticamente » (Banqueiro).

Outra especificidade desses grupos reside na posse de bens raros, desigualmente distribuídos e, assim, favoráveis à acumulação de capital simbólico. Privilégio de poucos, a aquisição de obras de arte, por exemplo, pode levar a que se acredite que só esta apropriação material dos bens artísticos é suficiente para atestar o comprometimento com a causa da Cultura: “Admiro pintura, mas como eu sou um sujeito muito ativo não tenho muito tempo para apreciar as pinturas. Minha mulher gosta muito e é uma grande colecionadora de pinturas” (Executivo de grande construtora e filantropo)²⁷. De modo análogo, um colecionador e médico proprietário de clínica residente no Jardim América (numa casa assinada por Barry Parker) deu início à entrevista falando de sua coleção e não de seu gosto propriamente dito. Como notou Bourdieu, quando o quadro, a estátua ou o vaso chinês são suscetíveis de serem adquiridos, aquele que os possui “não tem necessidade de confirmar, de outro modo, o deleite que eles proporcionam e o gosto de que são o testemunho”²⁸. Os burgueses, disse ainda Louis Pinto, «semblent peu préparés à un exercice qui présuppose une forme exclusivement symbolique d’appropriation de l’œuvre, ou, si l’on préfère, une humilité incompatible avec l’image de soi de dominants, enclins à faire servir tous les biens au service de leur gloire temporelle »²⁹.

A posse de obras de arte e a acumulação de capital simbólico

Pesquisador – Que flores você costuma ter em casa?

Informante – Orquídea que sempre recebe né, então... Eu não gosto muito de orquídea não, eu gosto de flores mais selvagens, mais rupestres.

Pesquisador – Recebe sempre orquídea? [...]

Informante – É, porque eu sou colecionador. É, colecionador... Todo mundo quando entra em casa de rico, acha que tem que mandar orquídea. É padrão.

Mesmo que nós não tenhamos estado suficientemente atentos às clivagens de gênero, não houve como não notar que são as esposas que em geral conduzem seus

²⁷ As condições socialmente restritivas graças às quais a posse desses bens converte-se em benefício honorífico são, em primeiro lugar, de ordem econômica. Em matéria sobre a 3ª edição da *SP Arte*, evento que reúne galerias brasileiras e estrangeiras no Pavilhão da Bienal com vistas à comercialização de obras, realização de debates e venda de livros, a articulista discute o fascículo editado pela feira, no qual colecionadores e especialistas dão dicas aos que buscam iniciar uma coleção. Quando expõe, porém, as quatro sugestões de “boas compras” – “Expedição do Amazonas”, de Brígida Baltar, de até R\$ 5 mil, “Guaritas”, de Elaine Tedesco, de R\$ 5mil a R\$ 30mil, “Duomo”, de Antonio Manuel, de R\$ 30 mil a R\$ 100 mil e, “Bell’s fall”, de Tunga, acima de R\$ 100 mil – o texto jornalístico conclui que, a despeito de tais “indicações” dos críticos de arte, galeristas e artistas, “fica na memória a receita do colecionador Gilberto Chateaubriand para jovens compradores: ‘Que tenha bom faro e uma boa conta bancária’”. LONGMAN, Gabriela. “Feira aposta no mercado de arte”. *Folha de São Paulo*, 18/04/2007, p. E8.

²⁸ BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, Edusp; Porto Alegre, Zouk, 2008 [1979], p. 260.

²⁹ PINTO, Louis. «L’émou, le mot, le moi: le discours sur l’art dans le ‘musée égoïste’ du Nouvel Observateur ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n°88, 1991, p.81.

maridos aos museus, o que não significa que eles não irão adorar o programa depois. Segundo vários testemunhos recolhidos, é iniciativa da mulher não apenas a incorporação simbólica, mas, também, material das obras de arte: elas fazem mais questão de comprar pinturas e esculturas e esse é o grande presente que o marido pode lhes oferecer: “Eu em geral não adquire, quem adquire é a minha mulher. Esse Guignard eu procurei porque eu queria dar um presente e gostei muito” (Banqueiro e filantropo); “Nós colecionamos móveis do século dezoito e do século dezenove, temos uma boa coleção, minha mulher é considerada uma *expert* nesses anos [...] Compramos muito. Todos os antiquários conhecem a minha mulher, aqui, na Europa e nos Estados Unidos” (Empresário de grande construtora e filantropo); “A minha mulher comprou muita coisa [...] Nós temos um Bonadei que é muito bonito, temos... Nós temos um Volpi que é muito bonito [...] Nós temos o Cícero Dias, um lindo quadro do Cícero Dias” (Administrador de empresas e ministro várias vezes); “Minha mulher é bastante, é muito culta, conhece muito arte, estuda muito a arte [...] Nós vamos a muitos museus, conhecemos já todas as... Já fomos até uma vez à Holanda só para ver um museu na Holanda [...] Fomos especificamente para isso [...] Nós fomos agora, nós fomos agora à França, à Cannes, região de Cannes, só para... O interesse principal da minha mulher [...] era ver a igreja, a capela do Matisse. E ver também aquele museu de arte [...] o museu em Saint Paul de Vence” (Idem); “Vou com a minha mulher [...] Vou à exposição em Nova Iorque, vou às exposições em Londres. Agora mesmo, onde é que eu estava? É que eu viajo tanto...” (Empresário de grande construtora e filantropo)³⁰.

Empenhadas no “cultivo de si”, essas esposas acabam por se afastar nitidamente da mulher de classe média imersa num outro espaço de possíveis marcado por menores investimentos em refinamento cultural. Entre as entrevistadas, muitas perfizeram o percurso de se formar em psicanálise ou decoração, fazer cursos de história da arte (MAM, FAAP, Tate Gallery), aprender línguas estrangeiras, programar viagens ao exterior, ler sobre gastronomia, paisagismo e outras práticas “gratuitas” que configuram

³⁰ No ano em que entrevistei este informante, os jornais da cidade registraram a presença de sua mulher numa das edições da *SP Arte*, evento que reúne diversas galerias brasileiras e estrangeiras com vistas à comercialização de obras de arte. Eis um caso ilustrativo do fato de que, nas classes altas, a reprodução do capital cultural (via aquisição de bens da cultura “legítima”) fica preferencialmente nas mãos das mulheres. Alan Warde e Tony Bennett chegaram à mesma conclusão quando em estudo das práticas culturais da elite gerencial britânica: “Men followed their wives tastes more, and often to a significant degree [...] Culture was a family business with primary responsibility for organizing it being delegated to their wives, surely a sign of its limited centrality for most of the men we interviewed”. WARDE, Alan & BENNETT, Tony. «A culture in common: the cultural consumption of the UK managerial elite», op. cit., p. 254.

aquilo que Weber chamou de “estilização da vida”, ou seja, a expressão distintiva de uma posição privilegiada que é, portanto, inevitavelmente, uma reivindicação de poder em relação aos que permanecem dominados pelas urgências ordinárias.

A experiência direta do mundo das artes, isto é, fruto de um aprendizado no seio da família, manifestou-se nos relatos dos pertencentes às famílias mais bem postas não apenas de um ponto de vista econômico. Para uma embaixatriz e crítica de decoração, a pintura não é apenas um quadro, mas a memória de momentos e itinerários familiares: “Eu me lembro do meu pai e da minha mãe carregarem a gente pela Itália inteira assim”. Um banqueiro de famílias antigas também associa ao modo mais insensível e precoce a aquisição de uma disposição culta: “Lembro que em casa a gente lia como quem respira. Toda a minha família [...] Mamãe falava francês como português”.

“Eu escuto a Sexta Sinfonia de Beethoven desde menina; mas o que foi aquilo? Mal terminou a primeira frase, estava com lágrimas nos olhos”.

Comentário de uma senhora na Sala São Paulo ³¹.

“Vovô tinha em sua casa em São Paulo alguns quadros de bons pintores brasileiros. Convivi com quadro de Oscar Pereira da Silva, por exemplo, desde sempre”.

Psicanalista e mulher de um economista e ex-ministro.

Para a psicanalista, senhora da sociedade e mulher de um importante empresário brasileiro, o mundo das artes é o mundo da família e dos amigos e, assim, um universo a que tem acesso de maneira precoce e privilegiada: a exposição temporária “Versailles”, ocorrida na Pinacoteca do Estado, foi feita na companhia do curador, “que eu conheci em Versailles, ele me levou para conhecer os aposentos particulares da Marie-Antoinette e do Luís 16”. A última exposição de fotografia vista teve a curadoria do filho de uma grande amiga que, por sinal, também a acompanhou na visita. Assim, antes de ocupar um dos postos de direção numa importante instituição artística de São Paulo, ela já tinha a cultura como um “bem de família”. As freqüentes idas aos museus são feitas, em geral, com o marido ou com a irmã, que trabalhou num importante museu brasileiro durante vinte anos e hoje segue atuando numa ativa instituição cultural ligada a um banco. Na trajetória de um investidor financeiro e filantropo, a freqüência aos espetáculos musicais associa-se à proeminência social de sua família: “nós éramos donos do Cine [...], do Teatro [...], que era da família T. [...] E a família tinha duas, dois camarotes, que eram na

³¹ NESTROVSKI, Arthur. « Zubin Mehta revela Beethoven a SP ». *Folha de São Paulo*, 12/08/ 2009, p. E6.

época chamados de frisas [...] Eram todas forradas, como é hoje na Europa, porque lá se guarda as coisas. E tinha uma chave, estava escrito “Família T.” [...] Então a gente pedia a chave para o meu avô ou o tio que estivesse com a chave, ia lá e assistia tudo”.

A importância do saber que se adquire só pelo fato de existir revela-se nos objetos da casa de uma neta, filha e esposa de tradicionais advogados e políticos de São Paulo. Ela que frequentou museus europeus desde menina tem consciência das preciosidades que sua família herdou dos ancestrais, como um célebre quadro de Almeida Júnior que, depois de integrar exposições realizadas nos mais importantes museus do país, acabou por ser doado ao patrimônio público. Uma restauradora de obras de arte, outra “paulista de quatrocentos anos”, também pôde apurar o gosto no recinto doméstico: “A minha avó, mãe da minha mãe, foi uma pessoa muito importante na época, ela recitava poesia [...] Ela conheceu poetas e então a gente sempre conviveu muito com poesia também [...] a gente tem esses programas que ela fazia no [Teatro] *Municipal*, saía no jornal, sabe? [...] A arte sempre foi muito presente na nossa família, desde sempre”.

“Em casa, sempre convivi muito com arte”...

“Sob o olhar de João Carlos de Figueiredo Ferraz, 54 anos, arte é pura paixão. E é essa paixão que leva o empresário, um dos maiores colecionadores privados de arte contemporânea do país, a frequentar o ‘jet set’ cultural e patrocinar as artes. Dono de um acervo de cerca de 750 obras, entre quadros, esculturas e fotografias, Figueiredo Ferraz trabalha para reunir suas ‘preciosidades’ – entre elas, Amílcar de Castro, Hélio Oiticica, Leda Catunda, Vik Muniz -, em um museu próprio em Ribeirão Preto (SP), principal pólo canavieiro do país [...] O empresário confessa que começou a comprar as obras de arte pensando em decorar as paredes de sua casa. Percebeu que tinha tomado gosto pelo negócio quando continuou a comprar obras mesmo depois que já não havia mais paredes para preencher. Isso foi no fim da década de 70, mais precisamente em 1979, quando se casou. Embora ele já tivesse 25 anos quando aconteceu seu batismo de colecionador, Figueiredo Ferraz começou a respirar arte desde a infância, sob forte influência materna. ‘Em casa, sempre convivi muito com arte, principalmente por conta de minha mãe [Lydia Machado Chagas]. Ela é da geração do Volpi [Alfredo Volpi], Reboló [Francisco Reboló], Tarsila [Tarsila do Amaral]. Também foi casada com um artista, que exerceu forte influência sobre nós’ [...] ‘Fui formando minha coleção por pura paixão. Você gosta, você compra, vai atrás das coisas que quer’ [...] Figueiredo Ferraz não fala em cifras. E diz que não especula arte”.

In: “Os doces frutos da monocultura”, *Valor Econômico*, 28/4/2006.

Como se vê, o comprometimento cultural da população investigada se manifesta de diferentes formas, quer na aquisição de obras de arte, quer no envolvimento com as atividades de mecenato artístico, quer, ainda, em todo investimento em disposição estética pela frequência de exposições, galerias e concertos no mundo todo. Patronos das artes e mantenedores de projetos sociais, nossos informantes passam a frequentar outros filantropos e patrocinadores, constituindo uma rede que é, em grande medida, o resultado da acumulação de capital social via envolvimento com causas socioculturais.

Senso de dignidade social: Ineditismo da trajetória e capital de relações

A preocupação em impor uma representação indiscutível da própria autoridade foi corrente entre os informantes bem postos há mais tempo, o que vai ao encontro da proposição de Shils de que “the groups which enjoy higher status positions in their eyes and in the eyes of those adjacent to them will usually have a stronger view of their claims and merits than will those groups that feel themselves to be inferior”³². A “certeza de si” como algo próprio ao *habitus* “burguês” também foi assinalada por Gaulejac em seu trabalho sobre a gênese social dos conflitos psíquicos³³. As auto-representações invariavelmente marcadas pela *certitudo sui* emitidas pelos nossos entrevistados ilustram, portanto, uma tese cara a diferentes vertentes sociológicas, qual seja, a de que a “estima de si” tende a ser mais forte em meio aos grupos mais bem guarnecidos socialmente. Tal constatação de-singulariza, forçosamente, essas trajetórias que por vezes se querem tão “únicas”. No universo social em exame, dois componentes mostraram-se centrais à conformação desse sentimento de alta dignidade da pessoa: a crença no ineditismo da trajetória e a mobilização de um capital de relações.

Aferrados a aspectos melhorados e idealizados de si mesmos³⁴, nossos informantes se têm em alta conta: “Minha vida é muito rica. Eu tive uma vida muito... Eu podia escrever diversos livros” (Empresário de grande construtora e filantropo); “O *Bankers Trust* me contratou, e eu fui um dos primeiros brasileiros a ir para os Estados Unidos, fiquei oito meses em Nova Iorque [...] fui muito bem no *Bankers* e fiz uma carreira muito bonita lá” (Idem). Outro filho de família de fazendeiros que começou trabalhando em bancos (entre eles o *Comind*, criado nos anos 1930 pela elite cafeeira paulista) e acredita ter feito uma bela passagem pelo mundo financeiro foi um chef e proprietário de restaurantes atuante no ramo da alta gastronomia: “[...] fui para Londres. Depois eu voltei, voltei no mercado [...] Trabalhei no *Auxiliar*, *Comind*, *Mercantil* [...] Na verdade eu era operador de bolsa e vendia, então eu fazia muito contato. Todo mundo gostava de mim lá. Quando eu trabalhava como corretor eu era um bom atendente. Mas depois parei de gostar, comecei a achar chato e não sei o quê... Daí eu fui viajar de

³² SHILS, Edward. « Class », op. cit., p. 252.

³³ GAULEJAC, Vincent de. *La névrose de classe*, op. cit., p. 111.

³⁴ GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne. 1. La présentation de soi*. Paris, Minuit, 1973 [1959], p.40.

novo”. Encarnando o diagnóstico proposto por Sérgio Buarque de Holanda, para quem um dos traços mais marcantes do aristocratismo da nossa sociedade tradicional está na valorização do talento que dispensa esforço³⁵, um pianista e compositor (herdeiro de um industrial) rememorou que, na escola, “Eu não era CDF, mas eu era um bom aluno. Eu tinha facilidade de captar [...] eu era um bom aluno, mas que não era *nerd* [...] eu sabia entender o que é que era importante estudar e o que não era”.

O olhar otimista com relação a si mesmo também se manifesta nas narrativas que destacam o *ineditismo da trajetória*, invariavelmente vista como excepcional, como se eles quebrassem sempre os percursos ordinários percorridos pelo comum dos mortais. Nascida nas antigas famílias de São Paulo, uma senhora da sociedade (e esposa de um conhecido industrial) apresenta-se como alguém que escapou aos itinerários usuais: “[...] ninguém entra ‘de cara’ assim na Sociedade [Brasileira de Psicanálise], as pessoas geralmente fazem consultório durante anos, fazem o *Sedes Sapiência*, fazem outros cursos de formação psicanalítica e depois vão fazer Sociedade Brasileira [...] mas eu consegui [...] Na verdade eu fui muito inteligente porque eu fui atrás das pessoas-chave da Sociedade que forneciam cursos fora da Sociedade. Então quando eu fui fazer minha primeira entrevista eu já tinha no currículo... cursos que eram dados dentro da Sociedade eu já estava tendo fora, já conhecia todo mundo [...] E fiz a minha formação na Sociedade, levou... como sempre leva muito tempo, tem gente que leva 20 anos, eu levei 10”. Um banqueiro revelou ter ocupado posições institucionais de diretoria mais tempo do que permitem os estatutos, um colecionador de arte e médico proprietário de clínica foi o primeiro latino-americano a receber uma bolsa de estudos para fazer a residência médica na França; um economista e várias vezes ex-ministro afirmou que já frequentava a cinemateca do Museu de Arte Moderna “antes do Paulo Emílio” e que, tendo sido muito solicitado, passou a escrever semanalmente num dos maiores jornais do país. Nas suas auto-representações, eles são frequentemente visionários: uma senhora da sociedade e esposa de um importante empresário se considera “uma ecologista *avant la lettre*”, a mãe de um banqueiro gostava de arte moderna quando esta ainda lutava por se afirmar e ele próprio já falava bem inglês num período em que nenhum dos seus colegas do mundo financeiro era versado no idioma. Em mais um retrospecto que testemunha o *ineditismo*

³⁵ “[...] o verdadeiro talento há de ser espontâneo, de nascença, como a verdadeira nobreza, pois os trabalhos e o estudo acurado podem conduzir ao saber, mas assemelham-se, por sua monotonia e reiteração, aos ofícios vis que degradam o homem”. In BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Raízes do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998 [1936], p. 164.

de sua trajetória, apresenta-se como o primeiro brasileiro a ter escrito pela renúncia de Figueiredo: “Eu não trabalhava no jornal, eu mandava”. Um colecionador de arte e médico proprietário de clínica entendia os trabalhos de arte contemporânea antes mesmo que se tivesse começado a falar disso: “Depois é que vieram falar disso, hoje em dia se fala”. Tendo iniciado sua formação musical com um preceptor europeu, um pianista e compositor parte para Boston como um dos primeiros alunos brasileiros a cursar a primeira escola dedicada à música popular: “Eu fui o primeiro brasileiro lá”. O próprio preceptor teria sido o primeiro mestre de música popular de São Paulo que, por ter lhe ensinado piano, leitura e acordes próprios à música popular americana, preparou-lhe para integrar, já aos quatorze anos, um grupo de jazz tradicional: “Eu sabia todas as músicas, conseguia tocar tudo nos tons e me enquadrava nesse estilo que os caras tocavam. Então acho que foi isso tudo que me levou para ser... Para a carreira, para ser músico mesmo, me dedicar à arte”. É de se notar que no seu retrospecto a trajetória inusual sempre se revela acertada, o que indica que o sucesso social – ele é um músico bem-sucedido – e o sentimento de alta dignidade da pessoa andam de mãos dadas.

Nas narrativas de um colecionador de arte e médico proprietário de clínica também estão presentes as referências à singularidade do percurso: “As pessoas até hoje não me entendem, porque, imagina, ser colecionador num país latino-americano? Não é comum, entendeu? [...] há quinze anos atrás me achavam completamente maluco”. Referindo-se à rotina gastronômica de sua residência - uma “casa-sítio” generosamente ladeada por árvores e muita área não-construída -, um *rentier* e filantropo destacou que sua filha teve a mais autêntica formação culinária que se pode ter em Paris:

Informante - Eu compro peixe, peixe sai nadando, chega nadando aqui, entendeu? Peixe, camarão, lagosta, seja lá o que for, eles chegam fresquíssimos. Daí, mando lá para baixo, ela [a cozinheira] já sabe, ela foi treinada pela minha filha que foi para a Europa, estudou cinco anos culinária [...].

Pesquisador - na *Cordon Bleu*? Ou *Le Nôtre*?

Informante - Não, ela fez melhor, ela trabalhou na cozinha do Alain Senderens, na Place de la Madeleine, como é que chama aquele restaurante? Chama-se Lucas Carton [...] Ela trabalhou junto com ele, com o cozinheiro, dentro da cozinha.

Uma psicanalista (e esposa de um importante empresário brasileiro) avalia ter tido “uma educação muito primorosa, me parece, porque as freiras tinham essa visão européia da educação, então nós estudávamos muitas línguas, bom, latim... a gente falava em latim, escrevia cartas em latim. Traduzíamos, escrevíamos e falávamos [...] Era latim, claro que francês, inglês, português, que até hoje eu tenho, eu acho que eu devo aos meus

anos de [*Santa*] *Marcelina*". Sobre seu desempenho no curso Clássico - e, também, no *Lareira*, formação privada ministrada por senhoras da alta sociedade para que as moças se familiarizassem com culinária, trato de roupas finas, tricô, crochê, costura, puericultura, etiqueta, decoração, arranjos florais e algumas matérias teóricas como direito de família -, ponderou: "eu terminei o curso super bem porque eu sempre fui a primeira da classe desde que eu entrei". Para além do tom auto- engrandecedor, algo que permeia todo o seu testemunho é a idéia de que a sua vida foi uma sucessão de eventos "singulares" que se deveram exclusivamente às suas escolhas "pessoais"³⁶. O noivado ("foi completamente escolha minha"), o rompimento do noivado ("eu queria dar outro rumo à minha vida"), e, depois, a opção pelo *Mackenzie*:

"[...] eu não queria fazer Direito no Largo do São Francisco porque eu queria ir para a Universidade para me divertir também [...] Fui super bem colocada no vestibular, entrei em quinto lugar, e naquela época era bem disputado o *Mackenzie* [...] Comecei o curso e, como eu já tinha pensado, o *Mackenzie* era muito bom, porque tinha muitos bons professores, mas também tinha aquela coisa de rolar no pátio conversas com os engenheiros, com os arquitetos, com os economistas, no barzinho [...] Eu fui a primeira colocada também no Direito Civil com o professor Silvio Rodrigues, que me adorava, me convidava sempre no fim do ano para tomar um champanhe na casa dele para comemorar as notas, eu só tirei dez com ele".

A desistência da carreira de advogada também é retratada de modo a compor uma trajetória livre de constrangimentos e caracterizada pela certeza de si: "Eu não estava interessada naquilo, *eu sabia que eu ia conseguir fazer muito bem isso porque eu era bem relacionada, eu logo conseguiria entrar num grande escritório de advocacia* e tudo, mas, novamente, eu me rebelei contra mim mesma e falei 'não, eu vou voltar a estudar cursinho porque eu quero aprender matemática, biologia, física, tudo o que eu não aprendi no Científico (sic), porque eu vou prestar vestibular de Psicologia' [...] Eu entrei também super bem colocada e tal". O relato de que se concedera outro ano sabático "porque queria se divertir" e de que permaneceu mais de uma década sem trabalhar depois de uma gravidez de risco e do nascimento do filho não gera desconforto, o que sugere que a moral do trabalho que forçosamente enobrece, do "Deus ajuda quem cedo madruga", não é igualmente partilhada por todos os setores da sociedade brasileira. Supremo exemplo de como seu "ser" é irredutível ao seu "fazer", seu ócio jamais significa indolência, mas, efetivamente, o tempo gasto – e muito bem gasto – em atividades não produtivas: « recebia minhas amigas eu casa, dava almocinhos, ficava

³⁶ Sobre o imperativo da não premeditada originalidade "pessoal" como um dos pontos de honra das convenções mundanas, ver PINTO, Louis. "L'émoi, le mot, le moi", op. cit., pp. 78-101.

sentada lá na piscina, eu precisava tomar super sol porque estava anêmica, então ficava no sol com minhas amigas, e indo no médico toda semana e tal »³⁷.

Eles se mostram sempre muito conscientes de que têm muito a esperar do futuro: “Eu tinha muita habilidade manual, eu poderia ter sido médico que nem o meu pai. Não fiz a medicina, eu fiz até cursinho para medicina, mas desisti porque eu sabia que eu ia estudar para burro *e depois já ia ser logo diretor do hospital*” (Empresário de grande construtora e filantropo). As oportunidades lhes chegam às mãos rapidamente: “Eu era subchefe da Casa Civil de um governador ilustre com vinte e poucos anos de idade!” (Jornalista e ocupante de altos postos em instituições culturais). E ainda:

“[...] fui diretor da [um jornal brasileiro], fui diretor do [revista brasileira] [...] na vida nunca consegui ser soldado [...] sempre eu fui, fui comando, sempre eu era... Desde pequenininho, eu saí da Faculdade, eu estava na Faculdade de Direito me chamaram para ser subchefe da Casa Civil do [um governador paulista], que era um cargo de velho. Eu tinha 22 anos [...] depois eu fui secretário de comunicação do [outro governador paulista], secretário da cultura [...] presidente de todas as secretarias de cultura do Brasil, depois eu fui ser presidente da [uma emissora de televisão], depois eu vim presidente da [outra emissora de televisão] [...] presidente de tudo” (Idem).

Outro informante, um banqueiro muito bem sucedido, já havia trabalhado num dos mais prestigiados escritórios de advocacia de São Paulo antes mesmo de concluir a graduação em Direito na Universidade de São Paulo e partir para a Europa:

“Fiz um ano lá de direito internacional privado, pude freqüentar um seminário, o que não é coisa fácil na Alemanha e daí eu queria continuar lá e apareceu uma oportunidade muito simpática. Na Universidade de Heidelberg existe um curso de tradução simultânea, *Dolmetscher*. Eu me apresentei para ser *Dolmetscher*, para lecionar em português, o que foi ótimo, lecionar em português sobre o Brasil. Fiquei um ano lá em Heidelberg como leitor da Faculdade [...] E depois, o escritório em que eu já havia trabalhado aqui em São Paulo, que é o escritório Pinheiro Neto, me convidou para voltar para trabalhar com ele [...] Mas antes me pediam que fizesse um estágio em escritórios de advocacia alemães, o que eu fiz em Munique”.

O senso de dignidade social também parece nutrir-se, portanto, do montante de relações que o informante está apto a mobilizar, como depreende da narrativa de uma crítica de decoração, filha, esposa e neta de embaixadores, políticos e poetas do Brasil:

³⁷ Eis um exemplo de como a análise da divisão de poder entre os sexos exige uma discussão prévia, qual seja, a que diz respeito à distribuição de poder entre as classes. Em estudo sobre a desigual mobilidade internacional segundo as classes sociais, Anne-Catherine Wagner mostrou que enquanto as mulheres das classes superiores abandonam sem pena suas carreiras profissionais para se dedicarem exclusivamente à gestão do capital social da família no exterior (organização de jantares, recepções, etc.), “chez les syndicalistes issus des classes moyennes ou des fractions supérieures des classes populaires, les épouses sont presque toujours actives, souvent militantes et, dans la plupart des cas, peu disposées à renoncer à leur activité professionnelle pour suivre leur conjoint à l'étranger. L'attachement au travail féminin est à la fois une valeur revendiquée par les deux conjoints et une nécessité économique”. Cf. WAGNER, Anne-Catherine. *Les classes sociales dans la mondialisation*. Paris, La Découverte, 2007, pp. 92-93.

Pesquisador - Então você foi a primeira geração [de mulheres da família a ter uma profissão]?

Informante - É, eu e a minha irmã estudamos... Mas sei lá, também tenho uma tia que casou com diplomata, tem vários filhos fantásticos. C.L.B, por exemplo, é meu primo irmão, é filho de uma irmã da minha mãe. Você conhece o C.L.B?

Pesquisador - Não.

Informante - Você não tem idéia de quem ele seja?

Pesquisador - Não.

Informante - Bom ele tem uma... Acabou de lançar esse livro que está nos jornais [...]. Ele tem a [editora] hoje, mas ele é um dos grandes colecionadores de autógrafos e de coisas, ele é agitadíssimo aí. Ele tem um irmão maravilhoso que mora em Brasília, que é casado com uma francesa maravilhosa também. Enfim. Aí esse meu primo é um arquiteto nato, mas é diplomata, tem uma casa deslumbrante [...] Mas super internacional, o C. também; todo mundo viaja, todo mundo conhece todo mundo lá fora, então, sabe?³⁸

O capital social associa-se estreitamente à antiguidade na classe por meio da notoriedade de um nome ou da extensão e qualidade de um círculo de relações. Entre os informantes mais bem estabelecidos nas classes superiores, com efeito, a posição dominante também foi marcada pela referência recorrente à natureza de suas relações:

“Durante muito tempo eu recebia pela [nome da construtora] todos os enviados do governo que queriam ir para a Amazônia [...] E fiquei amigo de muitos reis, rainhas, presidentes, então [...] Mas eu na verdade ficava amigo, entendeu? Então a rainha Sílvia e o rei Carlos Gustavo são meus amigos íntimos. O príncipe Frederik é meu amigo íntimo. E daí eu te dou uma série de outros” (Empresário de uma das maiores construtoras do país e filantropo).

Herdeira de fazendas que hoje estão sob seu comando, uma psicóloga residente no Jardim Europa rememora que “ele [o pai] era amigo do Amador Aguiar para você ter uma idéia. Meu pai se sobressaía pela firmeza, pela ousadia, pelo caráter, pela elegância”. Um importante pintor e escultor brasileiro também integra o círculo de suas relações pessoais: “Eu sou muito amigo do Granato, então, eu estou sempre com ele. Ontem mesmo ele estava pintando um quadro e eu dando palpite ‘Bota um douradinho aqui’ e ele botou o douradinho ali”³⁹. Um grande empresário e filantropo tem gosto em dizer que “a Milú [Vilela] fala que quem pôs ela dentro do MAM fui eu... E foi realmente”. No retrospecto de um colecionador de arte e médico proprietário de clínica (filho de médico proprietário de hospital), “o [banqueiro e colecionador] Edemar Cid Ferreira, por exemplo, antes de ser preso deu um jantar de sete tempos ali no Fasano que

³⁸ Para uma análise de como a extensão internacional do círculo de relações, as viagens e o conhecimento de línguas e culturas estrangeiras são práticas socialmente distintivas essenciais à formação das elites ver WAGNER, Anne-Catherine. « La place du voyage dans la formation des élites ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, n° 170, 2007/5, pp.58-65 e, da mesma autora, « Le jeu de la mobilité et de l'autochtonie au sein des classes supérieures ». *Regards Sociologiques*, n° 40, 2010, pp. 89-98.

³⁹ Forma alternativa de riqueza, o capital social é também e com bastante frequência fonte de acumulação de capital econômico: um morador de uma ampla residência situada numa rua privilegiada pelas leis de zoneamento no seletto Jardim América adquiriu tal patrimônio a um preço inferior ao de mercado, pois a proprietária do imóvel foi sua colega no Colégio Santa Cruz, tradicional escola de elite da cidade.

eu fui e adorei”. Uma psicanalista e esposa de um importante empresário brasileiro conta que “nós fomos com o presidente [do Brasil] para a China inaugurar uma exposição”. Algumas de suas obras de arte foram compradas na Luisa Strina, “que é minha amiga e me ajudou a encontrar umas obras que pudessem ficar bem num consultório”. Uma embaixatriz e crítica de decoração falou do avô como alguém que “era muito amigo do Getúlio e fez com o Getúlio a Revolução de 30, ele acabou voltando a ser ministro do Getúlio e acompanhou Getúlio a vida inteira”. Eis, novamente – e para voltar ao tema do início deste *paper* - um bom exemplo de como a história de família dos indivíduos estudados confunde-se, não raro, com a história nacional.

A exposição das relações com personalidades do *show business* também veio à tona em algumas entrevistas, tal como testemunha o depoimento de um chef da alta gastronomia e proprietário de restaurantes (descendente de antigas famílias paulistas):

Pesquisador - E tem alguém que você admira muito nesse ramo [do teatro]?

Informante - A Marília Pêra. Acho ela simpática.

Pesquisador - Você viu Chanel?

Informante - Vi.

Pesquisador - Gostou?

Informante - Gostei. Vi duas vezes, a primeira vez eu dormi. E ela sabe, ela me falou “Você dormiu!” Eu fiquei pensando se ela viu ou se contaram para ela, sabe? Porque eu fui de convidado, na época a gente estava patrocinando Chanel, e eu dormi mesmo! E depois eu fui ver de novo!

Quando discutíamos sobre fotografia, um herdeiro, investidor financeiro e filantropo rememorou que “uma vez eu fui com um fotógrafo profissional que era um... na França, ele me ensinou a olhar, a enxergar. Então ele saiu com uma mala cheia de máquinas, e eu acompanhando. Ele era um deputado francês. Dassault, da família Dassault, que faz os aviões”. Quando indagado sobre suas preferências em matéria de teatro, ele também expôs suas relações no intuito de afirmar sua disposição estética: “Raul Cortez, bom, o Raul Cortez era um amigo pessoal”. Por fim, quando discorreu sobre suas atividades por assim dizer mais mundanas, evocou a troca de acenos diária com Salvador Dalí e Frank Sinatra em Paris e Monte Carlo:

“Eu dei para ele [para o mordomo de sua residência] um livro do Salvador Dalí que mostrava as fotografias dos pratos e das travessas do *Lasserre*, do *Maxim's* de Paris [...] Até aceito o Salvador Dalí, hoje eu aceito ele. Mas no começo eu achava [...] Eu conheci ele pessoalmente [...] Em Paris, ele ia sempre para o *Lasserre*, para o restaurante, tinha a mesinha dele lá [...] nós nos cumprimentávamos assim. Assim como lá em Monte Carlo o Frank Sinatra passava... Passamos dois meses juntos, ele na mesa de trás e eu na mesa da frente, era ‘Hi’!, ‘Hi!’ e tudo bem [...] ‘Hi [nome do informante], Hi Frank’. Bom, enfim, e o Salvador Dalí é conhecido também”.

Depois de se referir a uma amiga da família Orleans e Bragança, uma restauradora de obras de arte acadêmica revelou que “Aí ela [sua irmã] abriu a molduraria e o negócio começou a crescer porque o Sig Bergamin, que é um grande decorador, tinha aberto uma loja de gravuras antigas e pegou as nossas molduras, pegou com exclusividade as nossas molduras”. A exposição das relações também apareceu na narrativa de um jornalista ocupante de altos cargos em importantes instituições culturais: “eu frequento muito a casa dos meus amigos banqueiros e tudo isso”. Uma colecionadora de arte e ex-mulher de um conhecido industrial paulista explicou que “via novela porque a Maria Adelaide fez várias adaptações, Maria Adelaide Amaral, que é minha amiga”.

Por fim, o fato de algumas casas serem não apenas a morada de uma família, mas, também, *casas públicas*, celebradas socialmente, só faz contribuir para o aumento da respeitabilidade social dessa fração de elite: a casa de uma embaixatriz já foi celebrizada pela revista *Casa Vogue* e por um livro que também tornou importante socialmente o duplex de um chef da alta gastronomia, a casa de campo (tombada pelo patrimônio histórico) de uma psicanalista, senhora da sociedade e esposa de um grande empresário brasileiro e a fazenda de um banqueiro e filantropo. A casa de uma antiga diretora de museu, historiadora da arquitetura e mulher de um renomado arquiteto foi retratada em livros: “É uma casa muito celebrada, sabe, os japoneses, agora veio o maior fotógrafo do Japão aqui fotografar a casa, quer dizer, a casa ela tem, ela é um ícone dentro da arquitetura [...] A casa tem muitas fotos no mundo inteiro”.

Considerações finais

Malgrado o caráter exploratório da nossa pesquisa, esta análise permitiu discorrer sobre alguns dos estilos de vida e visões de mundo correspondentes à ocupação de uma posição privilegiada na hierarquia das relações sociais no Brasil. O enfoque das manifestações de estima de si como reflexos subjetivos da deferência social visou lançar luz sobre certos processos e instâncias através dos quais se dignificam determinados modelos de conduta social e, no caso em pauta, diversos dos atributos daqueles que são socialmente dominantes. A identificação de vários componentes extra-econômicos da excelência social (pertencimento a uma família “que tem história”, envolvimento em “causas nobres”, disponibilidade de um capital de relações, etc.) sugere que uma classe também se define pela idéia que tem de si mesma e, ainda, o quanto a estratificação

social é algo que dificilmente se dá a conhecer através de estratos definidos a partir de um único critério de hierarquização, mesmo que ele seja, como a posse de capital econômico e/ou a posição nas relações de produção, aquele que tem mais chances de impactar toda a estrutura patrimonial.

Poder-se-ia dizer que nossa ênfase na transmissão de um patrimônio “reputacional”, assim como na socialização em universos distintivos priorizou princípios aristocráticos de consagração social, e não os processos através dos quais tais modalidades tradicionais de reprodução das categorias dominantes são ameaçadas pelas dinâmicas socioeconômicas em curso (globalização sem precedentes da economia, emergência de novas elites econômicas, inovações tecnológicas, etc.). Isso se deveu ao fato de que os processos de distinção social pelo gosto focalizados na pesquisa mais ampla da qual deriva esta comunicação são particularmente afetados pelas tradicionais formas de reprodução das elites quando comparados, por exemplo, aos mecanismos classificatórios atuantes no mundo dos negócios, mais decisivamente influenciados pela emergência de novas competências.

O fortalecimento das elites estritamente econômicas recém-chegadas aos altos estratos foi, aliás, assunto recorrente na entrevista com os paulistanos bem estabelecidos há mais tempo. Mas tais mudanças no cenário macroeconômico não significam, contudo, que os princípios distintivos aqui discutidos tornaram-se inoperantes ou incapazes de induzir à formação de barreiras sociais, como ilustra bem o comentário de um banqueiro cultivado e oriundo de famílias antigas sobre um banqueiro novo no *métier* que se tornou seu vizinho, “um rapaz da zona norte do Rio” que hoje, depois de ter feito uma “carreira fantástica” no mercado financeiro, possui bilhões de dólares, reside no distinto Jardim Europa e “toma Magnum Mouton-Rothschild na garrafa, sei lá como”⁴⁰. As restrições que os indivíduos advindos de famílias bem postas há mais tempo dirigem àqueles que vivenciaram uma ascensão econômica recente sugerem que a multidimensionalidade das formas de riqueza não é mera questão de partido teórico-metodológico do sociólogo, mas um critério prático de posicionamento social no âmbito das relações recíprocas efetivas.

⁴⁰ Uma matéria de capa da revista *Carta Capital* também sugere que a emergência de novos critérios de recrutamento das elites pode inclusive intensificar as estratégias distintivas dos antigos dominantes. Um entrevistado que viveu a experiência da mobilidade social de longa distância (através de uma empresa de propaganda) assim descreveu sua adaptação aos altos estratos sociais: “Aonde eu vou tem muito herdeiro, gente de berço, panelinhas fechadas, gente não acostumada a ver alguém crescer vindo de baixo”. MARTINS, Rodrigo & VIEIRA, Willian. “Privilegiados. E incógnitos: a classe alta cresceu 54% em oito anos, mas é pouco conhecida. E o país não sabe interpretá-la”. *Carta Capital*, ano XVII, n° 662, p. 32.